

A MORTE DE APSIRTO NAS ARGONÁUTICAS DE APOLÔNIO DE RODES

Jasmim Drigo¹

RESUMO:

Uma das cenas mais marcantes da obra *Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes, é o assassinato do irmão de Medeia. Jasão e Medeia planejam cuidadosamente uma armadilha para Apsirto, pois acreditam que é a única maneira de escapar. Nessa perspectiva, a morte de Apsirto pode também ser analisada como um sacrifício, semelhante ao sacrifício de Ifigênia, pois em ambos os casos a morte humana possibilita o desenrolar da história. Trata-se de uma cena breve, mas rica em detalhes, na qual é possível observar a competência do poeta e inserir as *Argonáuticas* no contexto épico e mitológico.

Palavras-chave: *Argonáuticas*, assassinato de Apsirto, morte como sacrifício, tradução.

ABSTRACT:

One of the most remarkable scenes of the *Argonautica* of Apollonius of Rhodes, is the murder of Medea's brother. Jason and Medea carefully plan a deception for Apsyrtus, for they believe that is the only way to escape. In this perspective, the death of Apsyrtus can also be analyzed as a sacrifice, similar to the sacrifice of Iphigenia, because in both cases human death enables the unfolding of the story. This is a brief scene, but rich in details, in which it is possible to observe the competence of the poet and to situate the *Argonautica* in the epic and mythological context.

Key-words: *Argonautica*, murder of Apsyrtus, death as sacrifice, translation.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo (USP).

Introdução

A morte de Apsirto nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes é uma das cenas mais trágicas de todo o poema, se não a mais trágica. A cena se passa após Jasão ter conseguido executar as tarefas incumbidas por Eetes. Ao contrário do que prometera, o rei não reconhece a vitória do herói e não lhe entrega o velocino de ouro, pois não acredita nos seus objetivos apresentados e descobre que Medeia lhe ajudou. Desesperada por ter sido descoberta e arrebatada por Eros, a jovem foge com os argonautas e os auxilia a tomar o velocino de ouro. Eetes envia seus homens liderados por Apsirto atrás dos estrangeiros e a perseguição se inicia.

Entre os argonautas surge a ideia de devolver Medeia para conseguirem escapar dos homens de Eetes, traição logo descoberta pela jovem. Depois de repreender Jasão por levar em conta essa possibilidade, Medeia se propõe a ajudá-lo a matar seu irmão Apsirto e assim destruir o resto dos cólquidas que ficariam sem líder. O plano para assassinar Apsirto é uma emboscada na qual a jovem finge ter sido levada pelos argonautas contra a sua vontade, de modo a encontrar o meio-irmão sozinho, enquanto isso Jasão se esconde e o ataca de surpresa.

Apesar de curta, a cena permite entrever algumas características particulares da poesia de Apolônio. Além disso, é possível interpretar a cena de dolo e de derramamento de sangue como sacrifício, semelhante ao mito do sacrifício de Ifigênia, filha de Agamêmnon. O engano, o elemento-surpresa, o arдил contra alguém do mesmo sangue, tudo isso mostra que a morte de Apsirto é uma das cenas mais trágicas das *Argonáuticas*.

***Argonáuticas* no Período Helenístico**

Toohey (1992: 68-9) insere Apolônio no contexto histórico e cultural em que ele se encontrava, Alexandria no Período Helenístico. Nessa época, Alexandria era o centro da produção cultural no Mediterrâneo, e se sabe que Apolônio participou de algum modo dessa efervescência, mas os detalhes de sua vida são desconhecidos. É provável que ele tenha sido o segundo bibliotecário da Biblioteca de Alexandria e se sabe que ele estava relacionado a Rodes, talvez tivesse nascido em Rodes ou talvez ele apenas tenha permanecido algum tempo em Rodes.

Cameron (1995: 262) situa as *Argonáuticas* por volta de 270 a. C., mesma data que concede aos *Aetia I-II* e *Hino a Apolo* de Calímaco, e data próxima aos primeiros idílios de Teócrito. Ou seja, os poetas helenísticos mais notáveis que sobreviveram aos tempos atuais coexistiram em um mesmo tempo e local. Essa convivência parece ter sido decisivo no projeto poético dos três poetas, tanto que é possível localizar elementos em comum na poesia dos três (aspecto trabalhado na seção 3.1.).

Ao mesmo tempo em que os poetas alexandrinos conheciam a tradição, por serem praticamente todos também críticos, eles desejavam subverter as convenções poéticas tradicionais. Os alexandrinos conheciam Homero e seus outros poetas canônicos, mas desejavam fazer algo diferente e se sobressair exatamente por isso. Nesse momento, surge as *Argonáuticas*, um poema épico curto, cujo herói parece covarde à primeira vista, no qual uma mulher possui um papel tão importante quanto o protagonista, no qual o tema do amor é fundamental e cujas partes parecem não se relacionar de forma simples e direta.

Tradução: Genealogia de Apsirto (III, vv. 242-246)

*τὸν μὲν Καυκασίῃ Νύμφῃ τέκεν Ἀστερόδεια
πρὶν περ κουριδίην θέσθαι Εἴδυιαν ἄκοιτιν,
Τηθύος Ὠκεανοῦ τε πανοπλοτάτην γεγαυῖαν.
καί μιν Κόλχων υἷες ἐπωνυμίην Φαέθοντα 245
ἔκλεον, οὐνεκα πᾶσι μετέπρεπεν ἠιθέοισιν.*

Argonautica: Book III (1989) *Apollonius of Rhodes*. Richard Hunter. Cambridge: Cambridge University Press.

Uma ninfa caucasiana, Asterodeia, o gerou
antes que ele [Eetes] tomasse a jovem Ídia como esposa
legítima, a filha mais nova de Tétis e de Oceano.

E os jovens cólquidas o chamavam Fáeton, 245
o glorioso, porque ele excedia aos demais jovens.

Tradução: A morte de Apsirto (IV, vv.452-481)

ἦμος ὄτ' Ἀρτέμιδος νήῳ ἔνι τήν γ' ἐλίποντο
 συνθεσίη, τοὶ μὲν ῥα διάνδιχα νηυσὶν ἔκελσαν
 σφωπτέραις κρινθέντες· ὁ δ' ἐς λόχον ἦεν Ἴησων
 δέγμενος Ἄψυρτόν τε καὶ οὐς ἔξαυτίς ἐταίρους, 455
 αὐτὰρ ὃ γ' αἰνοτάτησιν ὑποσχεσίησι δολωθεῖς
 καρπαλίμως ἦ νηὶ διέξ' ἀλὸς οἶδμα περήσας,
 νύχθ' ὑπο λυγαίην ἰερῆς ἐπεβήσετο νήσου·
 οἴοθι δ' ἀντικρὺ μετιῶν πειρήσατο μύθοις
 εἶδ' κασιγνήτης, ἀταλὸς πάϊς οἷα χαράδρης 460
 χειμερίας, ἦν οὐδὲ δι' αἰζήοι περόωσιν,
 εἴ κε δόλον ξείνοισιν ἐπ' ἀνδράσι τεχνήσαιτο.
 καὶ τῷ μὲν τὰ ἕκαστα συνήνεον ἀλλήλοισιν·
 αὐτίκα δ' Αἰσονίδης πυκινουῖ ἐκπᾶλτο λόχοιο,
 γυμνὸν ἀνασχόμενος παλάμη ξίφος· αἶψα δὲ κούρη 465
 ἔμπαλιν ὄμματ' ἔνεικε, καλυψαμένη ὀθόνησι,
 μὴ φόνον ἀθρήσειε κασιγνήτοιο τυπέντος.
 τὸν δ' ὃ γε, βουτύπος ὥσ τε μέγαν κερεαλκέα ταῦρον,
 πληῆξεν ὀπιπεύσας νηοῦ σχεδόν, ὃν ποτ' ἔδειμαν
 Ἀρτέμιδι Βρυγοὶ περιναιέται ἀντιπέρηθεν. 470
 τοῦ δ' ὃ γ' ἐνὶ προδόμῳ γνύξ' ἤριπε· λοίσθια δ' ἦρωσ
 θυμὸν ἀνοπνείων χερσὶν μέλαν ἀμφοτέρησιν
 αἶμα κατ' ὠτειλήν ὑποῖοχετο· τῆς δὲ καλύπτρην
 ἀργυφένην καὶ πέπλον ἀλευομένης ἐρύθηεν.
 ὄξυ δὲ πανδαμάτωρ λοξῶ ἴδεν οἶον ἔρεξαν 475
 ὄμματι νηλειῆς ὀλοφώιον ἔργον Ἐρινύς.
 ἦρωσ δ' Αἰσονίδης ἐξάργματα τάμνε θανόντος,
 τρίς δ' ἀπέλειξε φόνου, τρίς δ' ἐξ ἄγος ἔπτυσ' ὀδόντων,
 ἦ θέμις αὐθέντησι δολοκτασίας ἰλάεσθαι.

ὕγρὸν δ' ἐν γαίῃ κρύψειν νέκυν, ἔνθ' ἔτι νῦν περ
κείται ὄστέα κείνα μετ' ἀνδράσιν Ἀψυρτεῦσιν. 480

Argonautiques: Chant IV (1981) *Apollonios de Rhodes*. Francis Vian. Paris: Les Belles Letres.

Logo que eles a [Medeia] deixaram no templo de Ártemis
conforme o combinado, então cada grupo de naus aportou
separadamente do outro; mas Jasão ficou na tocaia
para esperar Apsirto, e então também seus companheiros. 455
Mas ele [Apsirto], seduzido pelas mais terríveis promessas,
navegou rapidamente através do mar túrgido com a nau,
e durante uma noite sombria ele desembarcou na ilha sagrada.
Sozinho, seguindo em frente, ele procurou com palavras
sua irmã – tal como uma criança ingênua perto de uma fossa 460
perigosa, a qual nem homens maduros atravessariam –
para que talvez ela pudesse tramar um embuste contra os homens estrangeiros.
Quando os dois concordam entre si em cada detalhe,
no mesmo instante, o filho de Esão saiu da tocaia próxima,
tirando o punhal da bainha com habilidade; rapidamente a jovem 465
desviou os olhos, cobrindo-se com o manto,
para não assistir ao assassinato do irmão por meio de golpes.
Ele [Jasão] o [golpeou], tal como um açougueiro encara e golpeia um touro
de grandes cornos, perto do templo que certa vez os brigos
ergueram a Ártemis, os que habitavam o lado oposto [da terra]. 470
Ele o derrubou de joelhos, frente à entrada²: o herói, pela última vez
respirando, sustentou com ambas as mãos o sangue negro
que [saía] da ferida; o qual tingiu de vermelho
o prateado véu e manto de [Medeia], ainda que ela evitasse.
A Erínia inexorável e impiedosa viu com olhar atento 475
tal funesta e pungente ação que eles executaram.

² Apesar da palavra *προδύμῳ* significar literalmente “em frente a casa” (*προ* + *δύμῳ*), sigo a solução de Green (1997:163) e Vian (1981:90).

O herói filho de Esão estripou os pedaços do moribundo,
três vezes ele se lambeu do assassinato, três vezes ele cuspiu a culpa dos dentes,
que a justiça divina exige para os homicidas de assassinatos com dolo.
Ele enterrou o flácido cadáver na terra, onde ainda hoje certamente 480
jaz aqueles ossos entre os homens de Apsirto.

Características da poesia de Apolônio de Rodes

Apolônio de Rodes compõe um poema épico e se vale dos procedimentos tradicionais de composição, no entanto, ele também inova e subverte essas mesmas convenções.

A primeira característica que pode ser observada é a brevidade: a genealogia de Apsirto possui cinco linhas e toda a cena de embuste e morte é contada em trinta linhas. Narrar a genealogia de um herói é uma técnica típica da poesia épica, seja quando dois desconhecidos se encontram (como Glauco e Diomedes na *Ilíada* 6), seja quando o próprio narrador explica a origem de um herói, como neste caso. A genealogia de Apsirto é descrita de forma rápida, o narrador apresenta uma ancestralidade divina e comenta sua excelência, características essenciais na formação de um herói. Além disso, menciona-se a mãe do herói, uma ninfa de nome Ídia, ou seja, ele é apenas meio-irmão de Medeia.

A cena de morte de Apsirto também é breve: Jasão e Medeia chegam ao local do encontro, Jasão se esconde, Medeia e Apsirto se encontram e conversam, Jasão surpreende Apsirto e o mata, a roupa da jovem é manchada pelo sangue do irmão, o assassinato é narrado como um grande crime, Jasão enterra Apsirto, tudo isso em trinta linhas. Não há detalhes sobre a conversa dos meio-irmãos, a cena de violência é extremamente sucinta e o horror de Medeia frente ao assassinato é apenas insinuado.

A presença de símiles também um recurso típico da épica, no trecho em questão, pode-se observar dois símiles: “tal como uma criança ingênua perto de uma fossa / perigosa, a qual nem homens maduros atravessariam” – vv.460-1; tal como um açougueiro encara e golpeia um touro / de grandes cornos” – vv.468-9. Apsirto é comparado em dois momentos distintos com dois seres diferentes, no primeiro símile, ele desconhece a armadilha que o espera e por isso pode ser comparado a uma criança ingênua; no segundo, ele se debate lutando pela própria vida, tal como um touro faria diante de um açougueiro.

Os símiles são utilizados como alternativa para descrever as emoções de Apsirto, recurso utilizado tantas vezes por Homero e por outros poetas épicos.

Outro aspecto que pode ser observado é a presença de uma etiologia ao final do episódio de homicídio (“onde ainda hoje certamente/ jaz aqueles ossos entre os homens de Apsirto” – v.480-1). Para dar mais veracidade ao seu discurso, o narrado insere uma etiologia ao fim da cena, não apenas aquilo aconteceu como pode ser verificado ainda hoje (ainda na época que o poema foi escrito), onde estão os restos mortais de Apsirto. A etiologia não é um recurso utilizado apenas por Apolônio, apesar de ser um elemento importante e presente em todo o poema³, o poeta alexandrino mais reconhecido pelo uso dessa técnica é Calímaco, sobretudo no poema *Aitia*.

No episódio em questão, a maneira como Jasão age também é digna de nota. Durante muito tempo, diversos estudiosos rotulavam Jasão nas *Argonáuticas* como um herói fraco e covarde, contudo mais recentemente os estudiosos passaram a enxergar a falta de decisão de Jasão de outra forma. Autores como Hunter (1993:16,24), Toohey (1992:79) explicam o *éthos* de Jasão como um constante estado de *amechanía*. No momento do crime o herói se transforma, deixando de lado essa característica, Jasão espera até a hora propícia para aparecer e mata Apsirto, sem espaço para indecisões.

As *Argonáuticas* são um poema épico peculiar, é óbvio que Apolônio conhecia bem os modelos épicos, especialmente Homero do qual se pode encontrar muitos paralelos, contudo o poeta subverte a tradição ao utilizar técnicas diferentes, próprias do período Helenístico.

Byre (1996:3-4) argumenta que também é possível observar aspectos menos genéricos no trecho da morte de Apsirto. Toda a preparação do crime e realização é obscura e confusa, nem sequer se sabe se o plano surge de Jasão para salvar Medeia ou se Jasão aceita cometer o crime para aplacar a raiva da jovem e salvar si mesmo e os companheiros. O estudioso defende que a obscuridade e ambiguidade dos personagens são reflexos da narrativa retórica do poeta, a qual trabalha com o amor e a impotência frente a atos maiores do que a vida humana pode lidar. Ou seja, a perspectiva do poema em relação à vida humana seria pessimista e cínica.

De fato, a morte de Apsirto é rápida e obscura, vários detalhes elucidativos são deixados de lado e a ambiguidade dos personagens pode ser visto na concepção do plano,

³ Para mais sobre etiologia em Apolônio de Rodas, ver Toohey (1992:70).

pois a moça meiga e delicada se transforma em cruel arquiteta de armadilhas e o herói em estado de *amechanía* finalmente age sem hesitar. No entanto, afirmar que a perspectiva do poema é pessimista não parece exato, uma vez que os argonautas e Medeia conseguem driblar todos os obstáculos encontrados e chegar a salvos na Hélade.

Já a importância do amor nas *Argonáuticas* é indiscutível, sobretudo nos livros III e IV, somente o amor, ou melhor, a paixão enlouquecida poderia realizar atos tão heróicos e atos tão criminosos. Toohey (2004: 64) afirma que no poema de Apolônio a doença amorosa resulta em disfunção emotiva e em atos de violência. A morte de Apsirto seria o ápice dessa doença amorosa, a prova de que o casal é capaz de cometer qualquer loucura em prol dessa paixão.

O prateado véu de Medeia, por sua vez, está relacionado à paixão dos jovens e ao *éthos* de Medeia, segundo Pavlou (2009: 185-6). A estudiosa afirma que as cinco referências do véu nas *Argonáuticas* estão relacionadas a momentos cruciais na vida de Medeia. A menção ao véu na cena de homicídio estaria relacionada ao fato de a jovem ter abdicado da sua família e sua terra em troca do apoio de Jasão, o qual passa a ser a única segurança que lhe resta (2009:194).

A Morte de Apsirto como sacrifício

Outra possível interpretação para a cena do assassinato de Apsirto é analisá-la como cena de sacrifício, há muitos elementos que podem ser diretamente relacionados a cenas de sacrifícios humanos e a cenas de sacrifícios de animais. Hunter (1993:61) comenta que a cena como um todo se assemelha a um terrível sacrifício diante de um santuário e menciona que muitos estudiosos comparam a morte de Apsirto ao assassinato de Agamêmnon.

Logo no início da cena é citado o templo de Ártemis (v.452), ainda que os deuses não fiquem satisfeitos com essa morte, estar próximo a um local sagrado é essencial a qualquer sacrifício. Nos versos 469-70, há inclusive uma pequena explanação para a origem para o templo de Ártemis, o qual teria sido construído pelos brigos.

Nos versos 454-464, segue-se a concretização do dolo planejado por Medeia e Jasão e que resultará na morte de Apsirto nos versos seguintes. A ideia de planejar um ardil para atrair uma pessoa destinada a morrer não é nova, Clitemnestra faz o mesmo com

Agamêmnon, por exemplo. Além disso, o mesmo tipo de dolo pode ser observado no mito de Ifigênia, o qual curiosamente não é tantas vezes comparado com o assassinato de Apsirto. Em *Ifigênia em Áulide*, de Eurípides, Agamêmnon atrai sua filha para Áulide com o falso pretexto de casá-la com Aquiles, quando na verdade ele a chama para ser sacrificada para que os aqueus consigam bons ventos. Há obviamente diferenças significativas entre os dois mitos, por exemplo, no caso de Ifigênia, um deus exige o sacrifício; no caso de Apsirto, apenas o casal planeja o assassinato. Além do mais, há diferenças que podem ser mais bem explicadas pela diferença de gênero, pelo fato de a obra de Eurípides ser uma tragédia e a de Apolônio ser uma epopeia: o dolo é descoberto antes que possa ser executado na peça e Ifigênia aceita ser sacrificada por um bem maior como uma heroína trágica deve fazer; Apsirto, por outro lado, só compreende o estratagema quando Jasão aparece e o golpeia.

De qualquer maneira, as semelhanças são mais significativas: em ambos os episódios, um ente querido ludibria a vítima (Ifigênia é iludida pelo pai Agamêmnon e Apsirto é iludido pela meia-irmã Medeia); a morte da vítima é encarada como única solução para o atual momento (os aqueus precisam partir para a guerra e os argonautas precisam escapar dos cólquidas para retornar ao lar); a morte da vítima propicia uma navegação segura (os aqueus terão bons ventos e os argonautas não precisarão mais fugir); Ifigênia e Apsirto são comparados a crianças ingênuas (são literalmente ingênuas porque desconhecem o engodo, além disso, Ifigênia é tratada como κόρη e como filha desprotegida, e Apsirto é comparado a uma criança ingênuo no verso 460); existe uma força divina por trás do assassinato (no caso de Ifigênia é direta, Calcas pronuncia que a garota deve ser sacrificada; no caso de Apsirto é indireta, Afrodite e Eros uniram Jasão e Medeia, os quais decidem cometer um crime para fugir da punição de ações sancionadas pelos deuses); a presença de Ártemis é fundamental (o sacrifício de Ifigênia deve ser feito a deusa Ártemis e o assassinato de Apsirto é cometido próximo ao templo da deusa).

O assassinato de Apsirto não é sancionado pelos deuses, prova disso é que Zeus exige a purificação dos argonautas por Circe antes que possam retornar para casa (vv.559-61: Hunter: 1993: 80). Não apenas Zeus se mostra insatisfeito com o crime, logo após o assassinato, a Erínia desaprova o ato: “A Erínia inexorável e impiedosa viu com olhar atento / tal funesta e pungente ação que eles executaram.” – vv.475-6. As Erínias são divindades que julgam e perseguem os que cometem crimes de sangue, como Apsirto era

meio-irmão de Medeia, cabe a essa(s) divindade(s) o julgamento do homicídio. Curiosamente, apenas a purificação executada por Circe é suficiente para aplacar o descontentamento divino.

Quando se menciona as Erínias e crimes de sangue na mitologia grega, o caso exemplar lembrado é o de Orestes e seus pais. A trilogia trágica de Ésquilo, a *Oresteia*, apresenta todo o desenvolvimento do ciclo de crime de sangue, o qual se inicia com a morte de Ifigênia ordenada por Agamêmnon. Nesse mito, não há abrandamento da pena pelo assassinato de consanguíneos, ao contrário do assassinato de Apsirto, Agamêmnon pagará o crime com sua própria vida.

Além das semelhanças com o sacrifício de Ifigênia, é possível encontrar referências a sacrifícios de animais em alguns momentos. Os versos que descrevem a violência do ato (vv.468-470) contêm um símile no qual Apsirto é comparado a um touro abatido: “tal como um açougueiro encara e golpeia um touro / de grandes cornos” – vv.468-9. O símile é pouco trabalhado, contudo é possível observar semelhanças com sacrifícios de animais executados em honra a divindades.

Depois de matar Apsirto, Jasão efetua uma espécie de ritual: “O herói filho de Esão estripou os pedaços do moribundo, / três vezes ele se lambeu do assassinato, três vezes ele cuspiu a culpa dos dentes” – vv.477-8. O ato de estripar ou desmembrar um cadáver remete ao sacrifício de animais, o touro que foi abatido nos versos 468-9 agora é estripado. O comportamento do herói repetido três vezes remete ao culto ritualístico, no qual certas ações devem ser efetuadas de uma determinada maneira e às vezes precisam ser repetidas. Apesar dessa semelhança com o sacrifício de um animal em um ritual, explica-se a razão para a conduta de Jasão: “a justiça divina exige para os homicidas de assassinatos com dolo”. Trata-se portanto de um ritual de purificação, o qual não terá muito efeito, visto que Jasão e Medeia ainda precisarão ser purificados por Circe.

A presença do ritual pode ser compreendida em relação ao caráter etiológico dos versos seguintes: “Ele enterrou o flácido cadáver na terra, onde ainda hoje certamente / jaz aqueles ossos entre os homens de Apsirto.” – vv.480-1. Frequentemente as etiologias procuram explicar o motivo de um culto ser realizado de uma determinada maneira. Talvez ossos considerados de Apsirto fizessem parte de algum ritual religioso e fossem respeitados, ou talvez apenas houvesse uma crença de que eles estariam naquela região.

Além de todos os elementos no texto que podem ser apontados, o fato de Apsirto ir de livre e espontânea vontade é decisivo para que se a morte possa ser classificada como sacrifício. Hunter (1993: 61) menciona essa questão e Burkert (1983:54) afirma que a vontade espontânea é essencial para os ritos funerários. Apsirto é iludido por Medeia, contudo ele aparece de livre vontade ao encontro, como se aceitasse sem saber ser a vítima de um sacrifício, ao comparecer ao encontro ele dá aval ao plano do casal.

A versão de Apolônio de Rodes entre tantas

O fato de Apsirto ser apenas meio-irmão de Medeia e não irmão pleno pode ser interpretado como uma forma de aliviar a magnitude do crime cometido. Green (1997:22) afirma que Sófocles já havia feito isso para atenuar o crime.

Em outras versões do mito, a idade de Apsirto também varia. Na *Biblioteca* de Apolodoro (1,9,23-4), por exemplo, Apsirto é o irmão mais novo de Medeia e não é ele quem persegue os argonautas, mas sim seu pai. Nessa versão, o irmão foge com a jovem e Medeia o mata e lança os pedaços do seu cadáver na água, o pai se demora resgatando as partes de Apsirto para que ele tenha um funeral adequado. Embora Apolodoro tenha composto sua obra em tempo posterior a Apolônio, ele teria se baseado em uma variante do mito que já existia durante o Período Helenístico (Green:1997:22).

Diversos outros autores contaram e recontaram a morte de Apsirto, mas as versões que sobreviveram são basicamente posteriores a Apolônio, tais como as *Argonáuticas* (8,369) de Caio Valério Flaco, as *Fabulae* (23) de Caio Júlio Higino, *Argonáutica Órfica* (vv.1027-32).

Conclusão

A cena da morte de Apsirto abre margem a inúmeras interpretações, muitas das quais não foram citadas neste trabalho. Analisá-la como um meio para entender as características inerentes das *Argonáuticas* e analisá-la como sacrifício são duas possibilidades.

Apesar de curto, e talvez justamente por ser breve, o trecho permite entrever diversos elementos do projeto poético de Apolônio de Rodes e das *Argonáuticas* como um

todo. A brevidade, a presença de etiologia, as semelhanças com a poesia épica anterior embora repleta de inovações e o eruditismo permeiam não apenas esse episódio, mas toda a obra de Apolônio.

A paixão de Medeia e Jasão é fundamental nos livros III e IV do poema, e o conluio para matar o cólquida é o ápice dessa união, o ponto sem retorno dessa associação. No entanto, na cena em si, outros aspectos são mais importantes e o amor se torna o pano de fundo no qual o acontecimento se passa.

A comparação com cenas de sacrifício auxilia a compreender o episódio em um nível mais profundo, não se trata apenas de um conflito moral, o assassinato de Apsirto é composto de muitos detalhes: ele é ao mesmo tempo criança e animal, forte e inocente, vítima de um engodo e permissivo. Assim como Ifigênia, ele caminhará de braços abertos até a morte, mesmo sem saber o que faz.

A cena do assassinato de Apsirto permite entrever a habilidade de um poeta que durante muito tempo foi considerado menor e incapaz apenas por não seguir os moldes tradicionais de composição poética.

Referências Bibliográficas

BURKERT, Walter (1983). *Homo Necans: the anthropology of ancient Greek sacrificial ritual and myth*. Trad. Peter Bing. Berkeley & Los Angeles & Londres: University of California Press.

BYRE, Calvin S. (1996). “The killing of Apsyrtus in Apollonius Rhodius’ *Argonautica*”. In: *Phoenix* 50, 1, pp.3-16.

CAMERON, Alan (1995) *Callimachus and His Critics*. Princeton & Nova Jersey: Princeton University Press.

DEFOREST, Mary M. (1994). *Apollonius’ Argonautica: a Callimachean epic*. Leiden & Nova York & Colônia: Brill.

EURÍPIDES, *Ifigênia em Áulide*. Trad. Carlos Alberto Pais de Almeida. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

GARSON, R. W. (1972). “Homeric Echoes in Apollonius Rhodius’ *Argonautica*”. In: *Classical Philology* 67, 1, pp.1-9.

GREEN, Peter (1997). *The Argonautika: the story of Jason and the quest for the golden fleece – Apollonios Rhodios*. Berkeley & Los Angeles & Londres: University of California Press.

HUNTER, Richard (1993). *The Argonautica of Apollonius*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1989). *Argonautica: Book III – Apollonius of Rhodes*. Cambridge: Cambridge University Press.

PAVLOU, Maria (2009). “Reading Medea through her veil in the *Argonautica* of Apollonius Rhodius”. In: *Greece & Rome* 56, 2, pp.183-202.

TOOHEY, Peter (2004). *Melancholy. Love and Time: boundaries of the self in Ancient Literature*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

_____ (1992). *Reading epic: an introduction to the ancient narratives*. Londres & Nova York: Routledge.

VIAN, Francis (1981). *Argonautiques: Chant IV – Apollonios de Rhodes*. Paris: Les Belles Letres.